

O unreliable narrator* em *Dom Casmurro* e *The Aspern Papers*

Estas obras de Machado de Assis e Henry James podem ser lidas como histórias sobre o narrador. A análise compara-os a partir desta consideração, estabelecendo como os dois autores, conhecidos como mestres do realismo psicológico, tentaram acrescentar alguma complexidade à sua obra discutindo temas já apresentados na literatura universal, ao enriquecer as normas da narrativa em 1ª. pessoa. Há também um propósito de estabelecer até que ponto a escolha do ponto de vista torna as obras particularmente interessantes e de efeito, pela análise da ação, personagens e história.

Um dos grandes interesses do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, o centro de sua narrativa, é o adultério. Este tema sobressaía-se na época em que foi publicado o livro e vários autores se ocuparam dele. O romance realista-naturalista, em sua preocupação científicista, procurava, através dessa temática, desfechar críticas sociais violentas ao papel da mulher na formação da família e da sociedade em decadência. Justificava muitos erros sociais pelo tipo convencionalizado da mulher que, criada aos moldes românticos, seria presa fácil de indivíduos inescrupulosos. Assim, ao mesmo tempo em que se fazia

* A expressão «unreliable narrator» é utilizada por Wayne C. Booth em seu livro *The Rhetoric of Fiction*, e traduzida por Maria Teresa H. Guerreiro, em edição portuguesa do livro, para a Editora Arcádia, Lisboa-Portugal, 1980, por «o narrador que não merece confiança». Julgamos conveniente manter a palavra inglesa neste artigo, apresentado como trabalho ao curso de Pós-Graduação Portuguesa 398: Seminar on Machado de Assis, na Universidade de Vanderbilt, TN-USA.

literatura, defendia-se a tese determinista de que o homem é produto da raça, do meio e do momento.

O romance *Dom Casmurro*, entretanto, afasta-se do lugar-comum da época. A forma pela qual trata a temática desvincula-se do molde naturalista, fazendo com que a obra permaneça moderna através dos tempos e sobrepuje os seus pares. Em *Dom Casmurro*, apesar do caso de adultério ser importante, a questão crucial não é a explicação dele, como seria de se esperar num romance da época. Na verdade, a narrativa conduz-nos a outras cogitações de âmbito mais complexo sobre o relacionamento humano, principalmente o familiar, conseguindo escapar às formas simplistas em voga que evitavam discutir a psicologia das situações existenciais.

Esse distanciamento de *Dom Casmurro*, em relação a outros romances que lhe são paralelos, não impediu, porém, que numerosa crítica, influenciada talvez pelos modismos dos romances da escola, tenha-se dedicado a acompanhar o enredo do romance à procura da culpa ou da remissão da «adúltera» Capitu. As aspas se justificam porque não há, no livro, uma prova concreta de que tenha acontecido o adultério, apesar de tanto estudiosos brasileiros quanto estrangeiros terem promovido extensos e elaborados trabalhos de pesquisa sobre o assunto.¹ Por outro lado, há aqueles críticos para quem *Dom Casmurro* é mais que um simples caso de adultério. Para estes, o livro preocupa-se em desvendar-nos uma vida de frustrações e egoísmo, na tentativa de restaurar o passado e fazer o estudo, enfim, da alma humana em conflito com a verdade subjetiva e a externa, da luta entre o indivíduo e a vida como conseqüência do jogo do destino.²

1. Destacam-se os de CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Bekerley and Los Angeles, University of California Press, 1960, que defende Capitu e o de MOISÉS, Massaud. «Introdução à 3a. ed. de *Dom Casmurro*». São Paulo, Cultrix, 1964, que acredita em sua culpabilidade, entre outros.

2. É o que se nota em CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1969, pp. 139-49. Outros trabalhos que focalizam mais os aspectos técnicos como o de ELLIS, Keith, «Technique and Ambiguity in *Dom Casmurro*». *Hispania*, 45 (1962): 36:40; PIRES VARA, Teresa. «*Dom Casmurro* e a ópera», *Revista de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis*, 6 (1965): 129-42, anunciam-nos, ao mesmo tempo, uma mudança de atitude em relação ao grande mestre da literatura brasileira, não mais encarado como um realista dissidente.

A partir dessas considerações, achamo-nos à vontade para afirmar que o ponto de vista escolhido por Machado, entregando a narrativa aos cuidados de Dom Casmurro, é essencial para a ambigüidade que se quer criar. Sendo Dom Casmurro, indiscutivelmente, um narrador que não merece confiança, sente-se que este é um precioso recurso de que se utiliza o autor para inovar o caso de adultério. Por esse processo, ao instaurar-se a ambigüidade na estória, alarga-se o campo de visão dessa narrativa em primeira pessoa. Por isso, julgamos adequado abordar o romance sob esta perspectiva. A voz do narrador que se faz ouvir monocordicamente, por não ser digna de confiança, estabelece um dialogismo com o leitor e permite-nos avaliar uma situação humana que ultrapassa os limites da temática do adultério. Dom Casmurro, ao contar-nos sua vida para que saibamos de sua desilusão amorosa, faz uso de extensa simbologia que provoca várias outras considerações, sobretudo por se perceberem no narrador vacilações e subterfúgios constantes. A constância na utilização desse mesmo recurso narrativo corrobora a hipótese de que ele visa a um determinado efeito em relação ao leitor. Para nós, esta seria uma das maneiras de o autor descentralizar o foco da narrativa e burlar as restrições impostas a uma estória narrada em primeira pessoa.

Comentando sobre este tipo de narrativa, afirma Lubbock:

Now if he (the narrator) speaks in the first person there can, of course, be no uncertainty in the point of view; he has fixed position, he cannot leave it. His description will represent the face that the facts in their sequence turned towards him; the field of vision is defined with perfect distinctness, and his story cannot stray outside it. The reader, then, may be said to watch a reflection of the facts in a mirror of which the edge is nowhere in doubt; it is rounded by the bounds of narrator's own personal experience.³

Achamos, porém, que focalizar determinado assunto em campo definido de visão, voltado para o narrador, pode ser taxado, no máximo, de **subjetivo**, nada nos adiantando quanto à confiabilidade ou não

3. LUBBOCK, Percy. «The Craft of Fiction: Picture, Drama and Point of view». In: *Approaches to the Novel*, collected and edited by Robert Scholes. Califórnia, Chandler Publishing Company, 1966. pp. 266-67.

do narrador. Para que este narrador único, que reflete a sua visão do fato, seja digno de confiança ou suspeita, é necessário que ele se revista de características específicas. Fundamentar devidamente os fatos que narra e prevenir-se contra vacilações e suspeitas conduziriam o leitor a «assumir» o ponto de vista do narrador que, então, seria facilmente aceito como confiável. Titubeios, deslizos e mentiras levam, porém, o leitor a perceber que o narrador não merece confiança, porque tem um objetivo ulterior ao tentar ocultar ou dissimular certos fatos em sua estória.

Tomando como exemplo disso, entre outros, a casa de Mata-Cavalos, reproduzida no Engenho-Novo, percebemos nela o símbolo da opção pelo isolamento do narrador Casmurro. No Engenho-Novo, Dom Casmurro leva vida de recluso: um criado, poucos amigos que são apenas conhecidos e moradores da cidade, amores levianos e rápidos e o ofício de escritor. Mata-Cavalos simboliza, neste aspecto, vida regular e afetivamente satisfatória: a mãe e sua ascendência familiar, muitos escravos, agregados, Capitu e os amigos mais íntimos. Se jogarmos, ainda, com o significado das palavras novo e mata, argumentamos também que Dom Casmurro deseja sepultar o passado e construir o seu futuro, diferentemente do que nos afirma: «O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência».⁴

Em resumo, a estória de Dom Casmurro fala-nos de um rico bacharel, viúvo e bem-nascido, que se retira para a casa que manda construir à semelhança daquela de sua infância, para tentar reviver o passado. Não conseguindo o seu objetivo, pensa escrever um livro e decide-se pelo livro de memórias que nós vamos ler. Pela narrativa, apresenta-nos o seu caso com Capitu, namorada de infância e amor de sua vida, posteriormente a esposa infiel que o trai com seu melhor amigo, Escobar. Por uma leitura superficial desta trama romanesca, diluída entre os comentários do narrador e entremeada de outros episódios paralelos, chegamos à conclusão de que Escobar e Capitu mataram o coração de Bento Santiago, transformando-o no ser desenganado e triste, o Dom Casmurro que escreve o livro. Entretanto, o ponto de vista da narrativa contribui para que possa ser outra a interpretação dessa estória. Estamos diante de uma narrativa com-

4. ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília INL, 1975.

plexa, onde se pode argüir a confiabilidade de seu narrador que se enquadra por suas características na denominação de **unreliable narrator**.⁵ É evidente que, sendo **Dom Casmurro** uma narrativa em primeira pessoa, por sua obrigatória projeção únivoca dos fatos que relata, provoca quase que como conseqüência lógica esta desconfiança por parte do leitor.

No caso de **Dom Casmurro**, ao que tudo indica, o **unreliable narrator** pode-se considerar com função específica, a de trazer maior interesse à estória, defendendo-a da moldura realista-naturalista e aumentando-lhe o poder metalingüístico e literário. Em se tratando de um mestre da ficção da envergadura de Machado de Assis, essa possibilidade faz-se plausível. Recorrendo às afirmações de Dirce Côrtes Riedel, em **Dom Casmurro** a narrativa é um questionamento do processo de narrar e o narrador, sem propor propriamente uma teoria da metáfora, permite que a formulemos à base de seu texto.⁶ Na verdade, a escolha da primeira pessoa, inclusive de uma personagem que se coloca como narrador, que se retrata escrevendo um livro, leva-nos a prestar atenção à construção do romance que, por isso mesmo, pode-se distanciar do real a ser considerado como metalingüístico.

Um autor que teve sua importância marcada entre os escritores de língua inglesa por sua preocupação artesanal e literária, como Machado no Brasil, foi certamente Henry James. O livro **Henry James, a collection of critical essays** presta-nos conta de que este autor, como Machado, foi objeto das mais variadas considerações críticas e que sua obra causou igual polêmica e interpretações controversas.⁷ Ambos se elegem em mestres do realismo psicológico.

5. Segundo Booth, a criação de um narrador pouco digno de confiança, o **unreliable narrator**, tem como conseqüência transmutar uma idéia temática noutra muito diferente, instaurando, assim, a ambigüidade. Booth ainda afirma que este foi um recurso extensamente utilizado pelos escritores que se seguiram a Henry James que, na tentativa de enriquecer a técnica realista, experimenta-o sob várias formas. Cf. C. BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago & London, The University of Chicago Press, 1961. pp. 339-46.

6. CÔRTEZ RIEDEL, Dirce. *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974, p. 89.

7. BEER BOHM, Max et alii. *Henry James, a collection of critical essays*. Edited by Leon Edel. New Jersey. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1963.

Também James apresenta-nos **unreliable narrators** no mesmo sentido machadiano, ou seja, para que sirvam de instrumento literário mais proveitoso a enriquecer o ponto de vista da narrativa, inclusive aquelas em primeira pessoa. Tal é o caso de *The Aspern Papers*, escolhido para, comparativamente com *Dom Casmurro*, servir de exemplo dos efeitos que o **unreliable narrator** provoca no leitor e da modificação que a sua presença opera na narrativa. Justifica-se, portanto, comparar essas duas obras, a fim de elucidá-las mutuamente, estudando-se como dois autores de nacionalidades diferentes tratam do mesmo problema.

Como a de *Dom Casmurro*, a estória superficial de *The Aspern Papers* provoca interpretações simplistas e não nos fornece o real entendimento da obra. Esta estória, passada em Veneza, consiste simplesmente na procura de um homem, antiquário sem escrúpulos, pretensamente amante do passado e entusiasta fervoroso do escritor Aspern, pelas cartas que ele escreveu à sua ex-amante que vive em Veneza com a sobrinha. Essa procura, tornando-se difícil porque as donas das cartas não as querem publicadas, leva-o a pensar que o melhor método de obtê-las é tornar-se amante da sobrinha. Descobre, mais tarde, que o casamento seria o preço da posse total, apesar de Tita, a sobrinha, ser pessoa idosa e sem atrativos. É tomado, então, de temporária repugnância, logo sobrepujada por seu desapontamento, em face da perda definitiva dos papéis: Tina resolve rasgá-los para que não sejam divulgados. A leitura da estória leva-nos a crer que Henry James mescla a uma comédia irônica a romântica evocação do passado e de Veneza. Quanto mais poética for a evocação de Veneza e do passado de Aspern, maior a ironia da obra em relação ao antiquário que o viola. E maior o contraste entre eles e a genuína paixão da beleza dos românticos e do valor literário de Aspern.⁸ Assim, os efeitos da contradição aparente complementam-se na execução da idéia. E nada melhor para levá-la a efeito do que a escolha de um **unreliable narrator**. Também em *Dom Casmurro*, os efeitos da contradição entre a dupla personalidade que luta na alma da personagem e do narrador acentuam a ironia da obra. Essa contradição, porém, diferentemente de *The Aspern Papers*, é de natureza

8. Para maior esclarecimento desse detalhe, remetemos a BOOTH, Wayne C., op. cit., pp. 355-58, visto não nos estendermos mais sobre ele por fugir ao objetivo do trabalho.

interna: Bentinho ou Bento, amante terno e filho exemplar, discorda de Dom Casmurro, incapaz de amar e extremamente cruel em relação àqueles a quem afirma, durante toda a narrativa, ter amado realmente.

Recuperar o passado, no entanto, é objetivo comum de Bento Santiago em *Dom Casmurro* e do antiquário em *The Aspern Papers*. Ao mesmo tempo, através da ironia, as duas obras revelam-nos a impossibilidade de trazer vida ao que já se acabou. O passado frustra o objetivo de Bento porque não se encontra nele; percebe, ao contrário do que buscava, como se transformara em Dom Casmurro, uma pessoa desiludida e incapaz de amar ou conviver com os outros por excesso de ciúme e egoísmo. O antiquário, ao visitar deturpadamente o passado, sem poesia e sem escrúpulos, violenta a vida do escritor num episódio marcadamente romântico de sua vida: seu relacionamento com Juliana Borderau. Para Dom Casmurro, o passado faz-se acessível porque ele tem a chave para penetrá-lo. O passado, para o antiquário, é o primeiro obstáculo a transpor em sua luta para conseguir as cartas de Aspern. A maior força do livro se concentra no esforço que o narrador faz para consegui-las e, particularmente, no uso que ele faz de Tina, a intermediária para obtê-las. Aparentemente diferentes nessa busca, o final da caminhada de ambos conflui no ponto em que deturpam o passado ao revivê-lo. Através das memórias de Dom Casmurro, fica patente o adultério de Capitu que ele, como personagem, procura ocultar: não leva o filho rapaz para tia Justina ver, com medo de que ela lhe note a semelhança com Escobar; finge visitar Capitu e Ezequiel na Europa para que as brigas do casal passem despercebidas aos amigos e parentes; jamais confia suas suspeitas a outra pessoa, só a Capitu, indiretamente, faz acusações nesse sentido. Quanto ao antiquário, leva mais longe a má interpretação do passado que busca tornar público: muda a imagem de Juliana, apresentando-a em seu caráter pecuniarista, em sua tirania em relação à sobrinha e em sua velhice e feiúra. A imagem que permaneceria inalterada, através dos anos, em sua beleza poética, transcrita nos papéis de Aspern, sofre intensa deterioração na pena do narrador.

Dom Casmurro e o antiquário comentam fartamente sobre as outras personagens, deixando-se, porém, estar à sombra, a ponto de podermos inferir sobre eles quase que tão somente a partir das atitudes das outras personagens. Como tais atitudes vêm relatadas por eles próprios, sabe-se lá até que limite elas seriam realmente

reveladoras. Por isso, precisa-se caminhar com cautela, à procura dos deslizes dos narradores quando expõem fatos e idéias. Pelo que se pode deduzir, a interpretação posterior que eles dão a estes fatos e idéias que diferentemente narraram servem melhor para a finalidade de averiguarmos sua real intenção e passarmos a pesar com maior cuidado o quanto merecem de nossa confiança. Em primeiro lugar, poderão ser confiáveis um escritor de um livro de memórias que se declara de fraca memória e um antiquário com uma visão deturpada do que é o passado? A isso se segue uma série de deformações e incongruências narrativas, todas capazes de alterar negativamente a credulidade do leitor quanto ao que afirmam. O próprio final de ambos os livros é um convite a que se repensem as idéias neles contidas. Quando o antiquário conclui sobre a sua perda, nas últimas linhas de *The Aspern Papers*, afirma: «I mean of the precious papers». Fica-se, então, sem saber, pela frase, se a perda é realmente, como ele diz, a dos papéis ou de algo mais sério: sua honra ou a admiração de Miss Tina. Quando nos descreve, logo antes, a mudança de fisionomia de Miss Tina ao afirmar ter rasgado os papéis, a sua forma de narrá-lo barra-nos de saber se Tina era, de fato, capaz de perdoar-lhe, se ela se transformara em sua dignidade ou se era, realmente, uma mulher apagada antes do ocorrido.⁹ Pensamos que a transcrição da passagem, apesar de longa, esclarece melhor a interpretação:

The room seemed to go round me as she said this and a real darkness for a moment descended upon my eyes. When it passed Miss Tina was there still, but the transfiguration was over and she had changed back to a plain, dingy, elderly person. It was this character she spoke as she said, «I can't stay with you longer, I can't»; and it was in this character she turned her back upon me, as I had turned mine upon her twenty - four hours before, and moved to the door of her room. Here she did what I had not done when I quitted her — she paused long enough to give me one look. I have never forgotten it and I sometimes still suffer from it, though it was not resentful. No, there was nothing resentment, nothing hard or vindictive in poor Miss Tina (...).¹⁰

9. Cf. C. BOOTH, op. cit., p. 359.

10. JAMES, Henry. *The Aspern Papers*. London and New York, Macmillan and Co., 1888. p. 137.

O narrador Dom Casmurro, por sua vez, descreve-nos a vida de Bentinho e Bento, mostrando-nos um passado de mentiras e indecisões. Bentinho mente a D. Glória sobre a sua vontade de ir para o seminário, Bento mente a Capitu sobre a sua situação financeira, até sua profissão e sua vida, segundo o narrador, são decididas pelos outros. José Dias, considerado inferior e quase um criado, mesmo assim é a causa de sua primeira desconfiança sobre a fidelidade de Capitu. Em todas as situações, a personagem mostra-se reticente e indireto. Contrariamente à personagem, o narrador dirige-se diretamente ao leitor, convidando-o a ir com ele pelos meandros tortuosos de sua vida, retratada com cálculo e precisão nos específicos detalhes que nos mostram como ele descobre a traição da esposa sem ter tido nunca dela uma prova concreta. Sua maneira de agir às escondidas, não dizer diretamente as coisas e necessitar da ajuda de terceiros, fazem-no mais próximo da sua descrição de Capitu que de si mesmo. Quem, afinal, mente? Capitu com seus «olhos de cigana oblíqua e dissimulada»? Ou o Bonto que se esconde atrás das portas para ouvir conversas, tem amantes e quase trai Escobar com Sancha? Todas as situações descritas no livro trazem esse quê de ambigüidade, despertando o leitor para uma outra interpretação dos fatos narrados. Até Dona Glória não escapa a essa constante, ela pode ser vista como mãe amorosa, pessoa afável e delicada, esposa e dona de casa exemplar, e também como dinâmica negociante, cuidando racional e sabidamente de seu pecúlio, o que nos deixa na dúvida sobre a sua real personalidade.¹¹

Pode-se, por isso, acompanhar o narrador Dom Casmurro como uma função de sua personalidade: **necessidade de auto-valorização**, veja-se sua disputa com Manduca, capítulo XC, e com Escobar, capítulo CXVII; **egoísmo e vaidade**, demonstrados especialmente em seu relacionamento com as mulheres; **indecisão permanente ou fuga a se demonstrar claramente aos olhos dos outros; sua casmurrice**.¹² Todos estes aspectos vinculam-se estreitamente ao seu modo de narrar. Sua narrativa quer-se famosa, fala só sobre sua pessoa, volta aos mesmos

11. Cf. C. CALDWELL, Helen, op. cit., pp. 39-40. Quanto ao aspecto da consciente deturpação dos fatos de sua vida para tentar inocentar-se, a autora exaure a proposição ao tentar reabilitar Capitu.

12. ASSIS, Machado. op. cit., pp. 189-92, 122-23.

dados colocando-lhes reparos ou explicações mais detalhadas e é destacadamente pessimista. Diferente nisso do antiquário, em cuja narração não se pode confiar porque apresenta uma visão moralmente discutível dos valores que defende, valores que, todavia, são os seus. A resposta que dá a Mrs. Prest a respeito do que representam para ele os papéis de Aspern revelam-nos uma noção mais precisa de seu caráter.

Mrs. Prest knew nothing about the papers, but she was interested in my curiosity, as she was always interested in the joys and sorrows of her friends. As we went? however, in her gondola, gliding there under the sociable hood with the bright Venetian picture framed on either side by the movable window, I could see that she was amused by my infatuation, the way my interest in the papers had become a fixed idea. «One would think you expect to find in them the answer of the riddle of the universe», she said; and I denied the impeachment only by replying that if I had to choose between that precious solution and a bundle of Jeffrey Aspern's letters I knew indeed which would appear to me the greater boon. She pretended to make light of his genius and I took no pains to defend him. One doesn't defend one's god: one's god is in himself a defence.¹³

Parece-nos que em *Dom Casmurro*, o *unreliable narrator* estaria mais numa calculada maneira de apresentar as coisas do que em sua incapacidade de vê-las corretamente, como é o caso do narrador de *The Aspern Papers*. E isso se prova pelo que Dom Casmurro nos esconde dos fatos que narra. Como a sua única preocupação é a subjetiva, temos de sua vida um relato unilateral e truncado por sua visão ególatra e ensimesmada. Aqui também o caso do Manduca é esclarecedor, principalmente os comentários que compõem o capítulo XCI: Bentinho acha-se na posição de superioridade por haver dado consolo a um «pobre diabo», fazendo-o feliz por uns dias, quando, na verdade, o gosto da vaidade em ganhar uma polêmica fora o impulso que o levou a escrever ao leproso.¹⁴

13. JAMES, Henry. op. cit., p. 3.

14. ASSIS, Machado. op. cit., pp. 191-92.

Nos dois livros, apesar de o narrador estar próximo da ação narrada por ser participante dela, não temos da estória uma visão precisa porque os narradores acham-se muito envolvidos emocionalmente nela. A tal ponto que eles se tornam mais interessantes que o material apresentado. O leitor de *The Aspern Papers* abandona a sua curiosidade de saber o conteúdo das cartas e passa a se interessar pelas duas moradoras do velho palácio veneziano, à mercê do inescrupuloso antiquário. O ponto de vista escolhido por Dom Casmurro para nos contar a sua estória também desvia o centro de atenção do leitor para a investigação da personagem e do narrador. No final de ambos, o intrigante encontra-se como a principal vítima de seu elaborado esquema. O tom irônico dos livros é dado pela visão deturpada que, conscientemente ou não, de si se dão os dois narradores. Ao final das duas estórias, eles perderam a decência e a ocasião de viver, e não os papéis ou Capitu. Não podemos acreditar na estória que nos contam, mas podemos inferir, através dela, o eu do narrador que se revela diante de nós. Dom Casmurro não é confiável quanto à acusação que faz de Capitu. Não ficamos sabendo se ela é ou não adúltera, mas sabemos que ele é o maior culpado de sua casmurrice. Da mesma forma, o leitor, assim como o antiquário, não ficam sabendo o conteúdo dos papéis de Aspern, que esclareciam sua vida e, provavelmente, aumentariam sua glória literária, mas ficamos sabendo muito bem como não se deve olhar o passado e como quem trilha erroneamente os caminhos da crítica literária, invertendo os valores do passado e da literatura, pode-se degenerar em termos morais.

Em oposição à estória policial que também busca a solução de um delito, e onde o maior interesse é achar o criminoso, nestas duas estórias o interesse desloca-se do conteúdo das cartas e da culpabilidade ou não de Capitu para a figura dos dois narradores.¹⁵ De acordo com Booth, *The Aspern Papers* parece ser um livro concebido desde o início como uma estória sobre o narrador.¹⁶ O mesmo pode-se afirmar sobre *Dom Casmurro*. Daí termos focalizado o estudo preferentemente no *unreliable narrator*, como um passe dos dois mestres do realismo psicológico, James e Machado, para conseguir um efeito literário maior e chamar os leitores a participarem mais ativamente na estória. O

15. Cf. c. TODOROV, Tzvetan. «Tipologia do romance policial». In: *As Estruturas Narrativas*. São Paulo, Perspectiva, 1970. pp. 93-104.

16. Cf. c. BOOTH. op. cit., p. 355.

processo narrativo, empregado pelos autores, possibilita a percepção da ambigüidade e da relatividade das aspirações humanas, a crueldade e o egoísmo dos homens e outros temas tão caros à literatura universal. E, mais do que isso, como o aproveitamento correto de um ponto de vista pode-se tornar motivo de uma grande obra. Pois, para nós, não há dúvida de que o **unreliable narrator** serviu a propósito de estabelecer a ironia dos dois textos, conferindo-lhes maior amplitude de reflexão e discussão sobre o artesanato literário, espaço comum e conhecido dos dois escritores.

These works of Machado de Assis and Henry James can be read as stories about the narrator. The analysis has compared them from this consideration, in order to establish how the two authors, known as masters of the psychological realism, have tried to add some complexity in their artcraft on discussing themes already presented in universal literature, by means of enriching the patterns of the narrative in the first person. There is also a purpose of pointing out to what extent the selection of point of view makes the works particularly interesting and effective, analyzing action, characters and story in support of that idea.